

# RECONTANDO HISTÓRIAS: VOZES E SILÊNCIOS DE MENINOS DE RUA

MARY JULIA MARTINS DIETZSCH

Faculdade de Educação — USP

## RESUMO

*Este artigo é uma reflexão sobre o projeto Lendo na Praça, trabalho realizado em 1996 com meninos/meninas que vivem nas ruas de São Paulo, a partir de iniciativa da COGESp, órgão ligado à Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. Com o objetivo de possibilitar a essas crianças o acesso à palavra escrita, um ônibus foi transformado em espaço para leitura e colocado em uma praça no centro da cidade. As cenas, os eventos e as falas que aconteciam no dia-a-dia do ônibus foram registradas por cinco “mediadores de leitura”, preparados para acompanhar os meninos/meninas em suas aproximações com a leitura e com o texto da narrativa que vão construindo pelas esquinas da cidade. Esses registros foram discutidos e analisados a partir de uma visão dialógica de linguagem.*  
CRIANÇAS MARGINALIZADAS — LEITURA — PROJETO LENDO NA PRAÇA

## ABSTRACT

*RETELLING STORIES: VOICES AND SILENCES OF STREET CHILDREN. This article is a reflection on the project Lendo na Praça conducted by the Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (1996), with boys and girls who live in the streets of São Paulo City, Brazil. With the aim to enable children's access to the written word an old bus was modified, placed in a central square in the city and equipped with books and other writing materials in order to create an space of reading and writing. The day by day events and speeches which occurred inside the bus were registered by five “reading-mediators”, specially prepared to follow the boys/girls in their approach to the books and the narrative they construct through the street corners. These registers were discussed and analyzed from a dialogical view of language.*

*Na Atenas contemporânea, os transportes coletivos se chamam metáforas. Para ir para o trabalho ou voltar para casa, toma-se uma “metáfora”—um ônibus ou um trem. Os relatos poderiam igualmente ter esse belo nome: todo dia, eles atravessam e organizam lugares; eles os selecionam e os reúnem num só conjunto; deles fazem frases e itinerários. São percursos de espaços...*

Michel de Certeau, *A Invenção do cotidiano*, 1994. p.199.

Parte do material trabalhado neste artigo foi apresentado no Seminário Vigotsky 100 anos, realizado na Universidade Federal de Juiz de Fora em outubro de 1996. Essa apresentação foi precedida de um episódio curioso, ligado à interpretação que foi dada ao título de minha comunicação, tal como apareceu no programa do seminário: *Recontando histórias. Uma perspectiva Vigotskiana: Histórias com h minúsculo*.

A leitura desse título, impresso no programa, causou-me, de imediato, estranheza e um suceder de reações controvertidas e de imagens difusas. Em meus registros, minha comunicação se denominara: “Recontando Histórias”, e ponto final. De onde viera a complementação, especialmente: “histórias com h minúsculo?”

Imaginei meu próprio estranhamento refletido também em rostos e expressões interrogativas de outros leitores. Li de novo o título. Reli mais uma vez. A quase tensão inicial foi se desfazendo na descontração do sorriso que, em um momento apenas esboçado, foi se ampliando para dar o tom de meu humor. Achei estranho: “história com h minúsculo”. Mas, sozinha, tentei acompanhar bem-humorada o fio das palavras ainda sem identificá-las, sem torná-las minhas.

Alguns segundos apenas. Na fugacidade das imagens que passavam, o desfilar de muitas cenas e minha tentativa de encontrar, no escrito, o espaço/tempo de sua produção. Vi-me de novo em uma manhã de setembro, em São Paulo, tentando enviar para Juiz de Fora, por telefone, o título do texto que apresentaria no seminário. A expressão “história com h minúsculo” não fazia parte do título. Tentei apenas explicar a quem me ouvia do outro lado da linha, o significado que tinha a palavra “histórias” no interior do texto. Uma informação rápida a percorrer muitos quilômetros nos fios. Distância e rapidez: quase uma marca de nossos atos nos dias de hoje.

Depois, calmamente, voltei então ao título indevido que me intrigara, medindo as palavras, enquanto diferentes idéias foram se desenhando, movidas pelo remate alheio que me fizera estranhar, inquietar-me, antes que pudesse me descontraír. Divago, rememoro, me deixo guiar pelas imagens. Escuto as palavras. Descontraída, recolho nesse meu passeio inquieto, *quase vadio*, uma cena que me leva às *Cidades Invisíveis* de Italo Calvino:

O Grande Khan pergunta para Marco Polo: Quando você retornar ao Poente, repetirá para a sua gente as mesmas histórias que conta para mim?

Marco responde: Eu falo, falo, mas quem me ouve retém somente as palavras que deseja... Quem comanda a narração não é a voz, é o ouvido.

E o Khan retoma: Às vezes, parece-me que a sua voz chega de longe até mim, enquanto sou prisioneiro de um presente vistoso e invisível, no qual todas as formas de convivência humana atingiram o ponto extremo de seu ciclo e é impossível imaginar quais as novas formas que assumirão. (Calvino, 1991. p.123)

No diálogo do imperador com Marco Polo, parece estar implícita a idéia da fluidez e da dispersão da linguagem que conduz o ouvinte por caminhos abertos e diversificados, apontando muito mais para a sinuosidade que para a exatidão. Por esses caminhos, quem me ouviu ao telefone, em Juiz de Fora, reteve as palavras seguindo sua interpretação, ouviu e entendeu o que lhe foi possível e tentou contar para outros, no escrito, o que acreditou ter ouvido.

Pensando ainda na conversa entre as duas personagens de Calvino, será que no ponto extremo das formas de convivência humana a que se refere o Grande Khan estaria o aparato tecnológico que transforma o mundo quase ilimitado, em uma aldeia? Mas ainda assim a linguagem permanece recortando o mundo, carregando em seus recortes o rumor. Rumor que reflete as lacunas/possibilidades da interação humana diante de um mundo difícil de dizer. Que instrumentos seriam capazes de reificar, de ajustar a linguagem, anulando na palavra a ambigüidade que ganha vida na interação?

Como disse Bakhtin: “Na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte” (Bakhtin, 1988. p.113). Foi, portanto, o rumor da linguagem que se fez ouvir em minha comunicação com Juiz de Fora. E assim, a informação que se quer pronta, explicada, em nosso mundo moderno, cedeu lugar ao relato, de contornos nem sempre previsíveis e exatos. *O ouvido comandou a narração.*

Esse rápido incidente me fez retomar a direção deste trabalho e, assim, mais do que informar, transmitir dados coletados, predisponho-me a relatar. Quero recontar histórias que imaginamos ter ouvido. Pretendo contar uma história. E como uma narrativa, como entende Walter Benjamin (1985), o meu relato não estará concluído e não prometerá uma explicação fechada, definitiva. Seu final está em aberto e, como a vida, poderá ser prolongado, retomado, reescrito, esquecido. Obviamente, pensando mais uma vez nas palavras de Marco Polo, agora, neste texto, são os olhos que decidirão os destinos dessa minha narrativa.

Mas um ponto é certo, definitivo: trata-se de uma história que não pode ser escrita com “h minúsculo”. Pelo menos por dois motivos: primeiro, porque está ligada à vida, ao cotidiano de meninos e meninas que vivem nas ruas de São Paulo. Segundo, porque o “h minúsculo” poderá sugerir insignificância

enquanto pareado com a conotação que é dada à palavra “menor”, em referência à criança e ao jovem que vivem nas ruas.

O termo menor tem uma origem pouco nobre, como explica Sergio Adorno (1993). Criado pela medicina legal e reconhecido pelo direito penal, inicialmente, serviu para denominar uma população que era considerada irresponsável segundo o critério do discernimento moral e do desenvolvimento psicológico. Entretanto, seu emprego generalizou-se para discriminar um tipo específico de criança, em situação de miséria absoluta, que fazem da rua seu *habitat*. Criminalizadas, deixam a condição de crianças para se inscreverem na ordem social como “menor”. Abandonam sua condição de sujeito da história, para se transfigurarem em objetos da história dos outros, dos homens de bem da sociedade educada, das instituições de controle.

Não é do “menor”, que para ser estigmatizado e abstraído de sua existência social e afetiva foi reduzido a um termo, que estamos falando. Trata-se do menino e da menina que vivem nas ruas de São Paulo. Meninos e meninas como tantos outros, alguns ainda bem pequenos, que se escondem, e se deixam esconder, na pressa da megalópole moderna. De sua história real poucos querem saber. Por isso, em sua rota pelas ruas, aprendem a recolher e inventar as próprias histórias que oferecem a quem delas quiser tirar algum proveito. São meninos e meninas de muitas histórias, mas que querem saber de outras. Diferentes das que viveram, ou das que vão inventando em cada esquina, em cada delegacia, ou em cada um dos incontáveis projetos que se dizem feitos para eles.

## QUANDO A HISTÓRIA COMEÇA

Encarados em seu cotidiano, “o menor” é a figura que enfeia a paisagem e expõe sem pudor o seu infortúnio a olhos que não querem enxergá-los. Se, de noite, se escondem, amontoados sob viadutos e prédios abandonados, ou estendem seu pedaço de papelão em algum canto, de onde — com sorte — são acordados pelo frio da manhã ou pelos pontapés da polícia, durante o dia se mostram na praça, vivem seus acontecimentos. Mergulham nos chafarizes, apreciam os sanfoneiros, marcham com os grevistas. Sobrevivem ao desvio e deslizam furtivamente entre loucos, mendigos, marginais e ambulantes enquanto espreitam os transeuntes, antes de derrubá-los para tirar-lhes dos bolsos o dinheiro (Dietzsch, 1995).

Ziguezagueando pelas praças da megacidade na tentativa de forçarem o seu lugar, a qualquer custo, os meninos e meninas de rua, para muitos, simbolizam o estranho sem causar estranheza. O absurdo torna-se naturalidade. Entretanto, não passam despercebidos a olhos sensíveis, preparados para distingüir na ambigüidade do estranho — que ameaça e amedronta — os sinais de um

descompasso que não se inicia nem se esgota nas imagens da praça. Um descompasso que advém do mal-estar, resultante das relações sociais. E foi da lucidez de alguns desses olhares que nasceu o projeto “Lendo na Praça”: motivo e objeto deste texto.

Tudo começa em 1996, quando Sonia Teresinha de Sousa Penin, a responsável pela Coordenadoria de Ensino da Região Metropolitana da Grande São Paulo — COGESP — (Secretaria Estadual de Educação) e uma de suas assessoras, Marlene B. Cortese, ambas trabalhando no Largo do Arouche, no centro da capital paulista, tentam criar para os meninos/meninas, que vagueiam pela praça, um espaço que lhes permitisse o acesso ao livro e à leitura.<sup>1</sup> Depois de algum tempo de surgir a idéia, um ônibus reformado, parado no largo, colocava os livros à disposição dos meninos<sup>2</sup> que aí vivem. Dentro e fora do ônibus, Marilisa, Elaine, Ana, Fernando e Luis se preparavam para esperar os futuros leitores, na busca de seu papel de mediadores de leitura.<sup>3</sup> O termo “mediador de leitura” foi encontrado como uma forma de indicar a concepção de linguagem e de leitura/escrita que dariam fundamento ao trabalho a ser desenvolvido com os meninos de rua.

Juntamo-nos ao grupo, Maria Lúcia Zoega de Souza e eu. As investigações que realizáramos a respeito da criança que vive nas ruas, bem como nossos estudos e interesse pelas questões da leitura/escrita, fizeram valer o convite para nos aproximarmos. Acompanharíamos, junto com Marlene Cortese, o desenvolvimento do trabalho, atentas à formação dos mediadores de leitura, que iriam interagir com os meninos/meninas no ônibus.

Um panorama da vida dos meninos e meninas, cuja história passa a ser cumprida nas ruas da cidade, foi apresentado por Maria Lúcia Zoega de Souza (1994) em sua tese de doutorado, intitulada *Aventura e desventura de heróis menores*. E, no artigo que publiquei sob o título *Ler a cidade e escrever a cidadania*, abordo momentos do espaço/tempo que marcam as relações dessas crianças com a cidade. Nos dois trabalhos, que buscaram também apoio em outros estudos, a leitura aparece como um desejo, muitas vezes mencionado pela criança sem nome, que ronda pelas ruas e praças das megacidades.

- 
1. O projeto Lendo na Praça foi pensado e coordenado pela COGESP, sendo secretária estadual da Educação Rose Neubauer da Silva e Mário Covas governador do Estado de São Paulo.
  2. Embora em alguns momentos, neste texto, apareça apenas o substantivo masculino “meninos”, nele está sempre incluído também o feminino “meninas”.
  3. Elaine A. de Souza, Marilisa Cristina Silva, Ana Alice dos Santos Dias, Fernando Brandão Correia Filho e Luis Carlos da S. Santos, mediadores de leitura, interagiam com os meninos/meninas no ônibus e registravam o que aí acontecia. A leitura e análise de seus diários é que nos permitiram, a Maria Lúcia Zoega de Souza e a mim, reconstruir os fatos e as falas que constituíram os acontecimentos e as cenas de leitura no ônibus: tema deste texto.

## COMO RECONTAR AS HISTÓRIAS

Tanto os mediadores de leitura que desenvolveram o trabalho e que falaram do ônibus do lado de dentro, quanto nós, Maria Lúcia e eu, que ouvimos e lemos essas falas, tentando melhor compreendê-las, recontamos histórias. E para recontar essas histórias tivemos de encontrar alguns princípios comuns que orientassem nossas reflexões e dessem corpo às nossas atividades. Se esses princípios deram suporte a nossas ações, foram eles, também, desencadeadores de dúvidas e de muitas interrogações.

Em Bakhtin e Vigotsky encontramos o primeiro dos fundamentos que nos orientaria: uma concepção de linguagem, fundadora de nossas interações. A enunciação, como o entende Bakhtin (1988), é um produto da interação social, quer se trate de um ato de fala determinado pela situação imediata ou pelo contexto mais amplo que constitui o conjunto de condições de vida de uma determinada comunidade lingüística. Socialmente constituída e historicamente desenvolvida, a linguagem é mediação necessária, ação que transforma. E ao agir sobre o outro e sobre o mundo, mediado pela linguagem, o homem modifica o seu ambiente e modifica a si mesmo, internalizando formas culturais, socialmente construídas.

Partindo dessa concepção dialógica de linguagem, tentamos construir um espaço de interlocução no qual fosse se constituindo a interação dos mediadores com os meninos no ônibus. Os relatos dessa interação foram mediando e sendo mediados em nossos encontros de preparo e desenvolvimento do papel dos cinco mediadores de leitura.

Conhecendo a complexidade da problemática econômico-social que gera e marca as condições de vida da criança, a qual busca nas ruas um lugar para viver, não podíamos pretender que o ônibus fosse um espaço para resolver essas mesmas condições. Acreditávamos, sim, que a leitura e a escrita, em uma situação planejada para os meninos/meninas que vivem na rua, poderiam introduzi-los em outros mundos e, quem sabe, oferecer-lhes novos modos de ver. Pensávamos, como Manguel (1997), o qual lemos para compreender ou para começar a compreender, que a leitura, quase como respirar, é função essencial. E ao conquistar a posição de leitor, vamos abrindo caminho para a cidadania.

É necessário reconhecer que a submissão ao significante “menino de rua” produz efeitos não só sobre os meninos, mas muitas vezes sobre aqueles que são chamados a responder ao problema. Reconhecer tal risco é saber que não se pode tomar esse significante sem interrogá-lo a cada momento, sem o que estaríamos fazendo coro à fixação de um significante que aliena. (Feres, Maia, 1996)

Portanto, ao planejar o trabalho no ônibus, rejeitamos as premissas de uma ação assistencial, ou moralizadora, propondo-nos um trabalho partilhado e questionador que contribuísse também para o desenvolvimento do papel dos

mediadores de leitura. No diálogo com a produção cultural, com suas experiências de leitura/escrita e com os episódios vividos no dia-a-dia da praça, iria se apoiando a ação dos mediadores.

Uma análise da própria história de leitura/escrita dos mediadores, fundada na idéia de significação e de diálogo, certamente os ajudaria a pensarem o texto como espaço aberto às interpretações e às sugestões de novos textos a serem construídos. E se a escrita foi sempre um auxílio especial na tessitura dos espaços de nossos encontros, trabalhar com os mediadores a sua própria escrita foram momentos de importante significado para todos nós. Um produto desse trabalho, que foi seguido de perto por Maria Lúcia Zoega de Souza, é o texto de Elaine A. de Souza, que anexo ao final do meu texto.

Queríamos ainda que os mediadores percebessem o ônibus não como um lugar que reproduzisse o espaço escolar em suas práticas pedagógicas e sociais, mas como um ambiente que se abrisse para a cidade e nela enxergasse os meninos e meninas que um dia, por diferentes motivos, foram expulsos dessa escola. Como três desses mediadores tinham iniciado sua experiência profissional em uma sala de aula, discutimos e tentamos delinear com eles o que diferenciaria o papel a ser desempenhado no ônibus.

Em nossas buscas e preocupações nos perguntávamos e continuamos a nos perguntar: Como oferecer a crianças, que fazem da praça a sua morada, a possibilidade de ouvir e de contrair histórias? Outras histórias, além daquelas que utilizam com os que exploram sua condição de quem “está fora do lugar”. Como vencer a ansiedade para falar e deixar falar esses meninos e meninas, ressignificando e co-construindo diferentes formas de vê-los na cidade? Pensando a longo prazo, até que ponto narradores e personagens de uma história vivida e contada poderiam alcançar o registro de uma crônica da cidade? Uma crônica da cidade vista pelo avesso, como na acepção daqueles que transitam na sua planta baixa: população desfigurada e malquerida, que se esconde e é escondida no espaço público, sem o direito de contemplar a cidade, em suas projeções (Dietzsch, 1995).

Na construção dessa crônica estariam certamente impressas as marcas da interação e do processo que foram levando à redefinição do papel dos mediadores de leitura. Será que a escrita dessas situações não poderia se constituir em um material significativo para a formação de outros mediadores? Partilhar esses textos com professores de nossas escolas os ajudaria na busca de alternativas para enfrentar a problemática e a evasão escolar de muitos de seus alunos?

Acreditávamos que no gesto dos mediadores que iam se complementando e se ampliando na sinuosidade dos gestos de seus leitores haveria, certamente, uma história rica, feita de dúvidas, acertos e percalços. Haveria nessa aventura algum herói e, se houvesse, como seria esse herói? Caricatura de um anti-herói,

bandidos em formação, delinquentes consumados ou personagens da vida ordinária, que se buscavam/fugindo em outros rostos da multidão?

Antes de entrarmos no ônibus e ajudarmos os meninos e meninas a encontrarem também a sua entrada, além dos cuidados administrativos, da compra dos livros e de outros acertos necessários, seria importante prepararmos-nos e, em muito especial, os mediadores, para viver uma aventura — ou uma utopia? — que se chamava: “Lendo na Praça”.

Assim, continuando o trabalho que já vinha sendo desenvolvido por Marlene Cortese, estabelecemos, Maria Lúcia Zoega de Souza e eu, o nosso contato com esse grupo, por meio de encontros, reuniões de estudo, como já comentado, e visitas ao ônibus. Em nossas reflexões e em nossos atos pairavam diferentes questões: compreensão de textos teóricos, leitura de textos literários, retomada da própria história de leitura/escrita, discussão a respeito dos registros do que ia acontecendo dentro do ônibus.

A leitura e análise desses diários, feitas por Maria Lúcia e por mim, complementadas com o relato oral dos mediadores, representaram uma forma privilegiada de acompanhar e de ajudar os relatores na construção de seu novo papel. Aprendemos, em todos os momentos de trabalho, a prestar atenção especial aos sentimentos e ansiedades, às dúvidas e inseguranças que caracterizavam o desejo de ouvir e de falar dos mediadores, no caminho que foram construindo com os meninos de rua. Esse caminho foi sendo pontilhado de avanços e voltas, de ações e emoções, muitas vezes contraditórias, mas sempre muito sérias, como demarcam as falas que seguem.

## **E O MOMENTO É DE ESPERA**

“E se os meninos não vierem? Como fazer para atraí-los?”

Foram essas as perguntas que antecederam o início do trabalho e continuaram a preocupar os mediadores. Seguindo esse desejo de trazer as crianças para o ônibus, delineava-se a insegurança, e até mesmo um certo medo, dessa aproximação, sentimentos que vão se revelando na continuidade de suas perguntas:

    Será que as crianças virão? Será que gostarão de ouvir e de ler histórias? Será que sabem ler? O que fazer se eles cheirarem cola no ônibus?

    Como atender os nossos leitores sem parecermos estar reforçando atitudes anti-sociais?

    Como proceder para não criarmos problemas com a vizinhança e com a polícia?

    E se os meninos quiserem nos contar a sua vida e nos pedir ajuda?

    E se quiserem fazer do ônibus espaço para ações pessoais, fora daquelas que programamos?

Considerando tais indagações, algumas regras mínimas de convivência dentro do ônibus foram estabelecidas, depois de longas conversas e discussões:

## **Cheirar cola, dormir, esconder da polícia, trazer os cachorros,<sup>4</sup> não pode no ônibus.**

E na busca dessa nova história lá se foram os mediadores como quem vai para um lugar pouco conhecido, sem mapas e outras armas seguras que lhes mostrassem o rumo certo. O importante era o encontro com os meninos/meninas. Entretanto, sem uma sirene e outros aparatos que indicassem a hora da entrada, como acontece na escola, haveria alguma garantia de que viriam? Indagavam-se ansiosos os mediadores. E partilhando um misto de insegurança e de curiosa expectativa, continuavam o registro de questões em seus diários.

Até o momento não apareceu nenhum garoto de rua. São 12h04 minutos.

Após as 13 horas estarei andando pelas ruas e praças, convidando garotos e garotas a comparecerem no ônibus.

No primeiro momento eles entraram no ônibus um pouco desconfiados. Nos apresentamos e explicamos o objetivo do ônibus. A Roberta pediu folha de sulfite e logo começou a desenhar.

Quando cheguei o Luis já havia ido ao ônibus da refeição e os MR<sup>5</sup> conhecidos não estavam por lá. Conversamos sobre o assunto e achamos que o S.O.S. recolheu alguns. Às 14 horas fomos andar pelas imediações, tentar encontrar alguma criança e entregar panfletos do ônibus. Andamos por toda a Praça da República, nas paralelas, e vimos poucos mendigos. Estávamos na Praça Amaral Gurgel e encontramos três menores que o Luis já havia abordado. Entreguei um panfleto e eles prometeram que iriam ao ônibus na quarta-feira.

Até o final da tarde não apareceu nenhum MR.

Hoje o ônibus está estacionado em outro local, aqui mesmo no largo, agora ficando mais próximo da rua seremos mais vistos e esperamos ser encontrados mais facilmente pelas crianças.

Se existe carência, medo de abandono, nesse momento, tais sentimentos estão mais nos mediadores do que nos futuros leitores. Diferentemente da escola, onde a queixa é o grande número de crianças matriculadas, sem uma atenção mais cuidadosa às suas ausências, no ônibus os leitores são esperados com ansiedade. O ônibus fica parado à espera dos meninos e meninas de rua; foi colocado na praça para eles. Parece haver uma inversão de papéis, quando a referência é a instituição escolar, na qual quem espera, quase sempre, é o aluno. Aqui na praça quem espera são os mediadores. Os meninos são buscados, abordados; são pensadas alternativas para fazê-los se aproximar do

- 
4. Não raramente, os meninos/meninas vinham para o ônibus acompanhados de cachorros de estimação que, como quaisquer outros, atendiam pelos nomes de leão, príncipe... Entenderam, rapidamente, que o espaço do ônibus era muito exíguo para abrigar leitores e seus cachorros, principalmente em dias de chuva. Traziam uma cordinha e os amarravam em algum lugar no ônibus, do lado de fora.
  5. Inicialmente, os meninos/meninas de rua, eram referidos pelos mediadores nos diários, indiscriminadamente, como MR.

ônibus. São também os meninos que deverão manter a palavra. Para descontração dos mediadores, prometem voltar ou aparecer em determinado dia.

Essa diferença em relação à escola não é mantida, entretanto, em outras situações. Quando entrei no ônibus, pela primeira vez, estranhei a organização do espaço, os cartazes colocados à vista, a forma de disporem os livros. Parecia uma sala de aula para crianças pequenas, quando a idade média dos leitores, que já freqüentavam o ônibus, estava entre dez e dezoito anos. Esse modelo escolar fazia-se também revelar em trabalhos que os mediadores propunham para serem realizados no ônibus, durante os períodos de leitura e de escrita.

O Péricles saiu do ônibus e o Reginaldo ficou desenvolvendo atividades de matemática (a mensagem) com a ajuda de Marilisa.

O Roseval e o Paulo fizeram atividades dos círculos (pintar os círculos um de cada cor, e recortá-los e colar um sobre o outro de modo que todos apareçam: Percepção de maior e menor.

Depois jogamos dominó de higiene e trânsito.

Nessas falas, *atividade* parece estar sendo entendida como uma ação destituída de sentido, como um fazer em si mesmo. Como pode acontecer na escola, os exercícios propostos às crianças, são exercícios tirados dos livros e pouco têm a ver com a sua vida. Que significado poderá ter regras de trânsito e noções de maior e menor para meninos que dominam o traçado e as regras de sobrevivência nas ruas? Correr, se esconder, enxergar ao longe, vasculhar esquinas, perceber sombras e passos fazem parte de sua vida incerta e ajudam os meninos/meninas de rua a fugir da morte.

E essas possibilidades de ver ao longe, de prescrutar rostos, de se esconder deixando rastros pouco visíveis, são percebidas e mencionadas posteriormente, em nossas discussões, por uma das mediadoras. Mas no momento em que insistem na atividade, que nesse contexto fica destituída do sentido interativo e transformador que tem o conceito para Leontiev (1978), parece que imitar um modelo conhecido dá mais segurança e facilita a aproximação inicial com os meninos.

Afastar-se, impondo uma atividade, uma ocupação, poderia ser uma forma de evitar o envolvimento emocional com a vida das crianças, que estão constantemente tentando contar sua história, talvez como uma forma de se fazerem valer pela tragédia, provocando sentimentos de piedade, buscando a atenção. Muitas vezes perguntaram aos mediadores: "Você não quer que eu conte minha vida, tia? Isso aqui não é projeto? Nos outros projetos a gente sempre conta a nossa vida." A essa altura do trabalho no ônibus, a leitura ainda era uma questão em suspenso, que continuamos discutindo e retomando com os mediadores.

## RELAÇÕES COM A POLÍCIA E COM A TRANSGRESSÃO DOS MENINOS/MENINAS

Enquanto estava no Largo do Arouche, o ônibus recebeu muitas visitas de fotógrafos, pedagogas, vizinhos, transeuntes, todos querendo oferecer alguma coisa, prestar ajuda e conhecer o ônibus. Esse interesse foi sempre muito reconfortante para os mediadores, que descreviam com detalhes cada uma das visitas. Entre os passantes, a polícia também se fazia presente, mas por motivos, quase sempre, bem diversos daqueles visitantes que, amavelmente, vinham prestar sua solidariedade. Escrevem os mediadores:

Uma policial feminina entrou no ônibus e conversamos um pouco. Ela queria saber se estava tudo bem. Disse que os MR respeitam os educadores mas não respeitam os policiais. Ela disse que a única forma de se defender de um garoto de rua, marmanjo, era na bala (caso ele atacasse).

Infelizmente hoje com a presença do DICON — polícia civil — as crianças se afastaram. A Roberta e a Janaína informaram que era “o arrastão”: eles pegam todas as pessoas que estão pelas ruas, reúnem na praça e verificam a documentação. As meninas informaram que têm medo de serem pegadas e levadas para a FEBEM.

Dois policiais da Ronda Metropolitana estacionaram perto do ônibus. Perguntou sobre o projeto e um deles **ficou uns cinco minutos olhando os livros**.

Quando, no relato escrito, os mediadores mencionam os policiais, descrevem seus atos sem maiores comentários. Dizem, simplesmente, o que ocorreu. No entanto, quando falam em nossas reuniões, os mediadores demonstram sua preocupação com a polícia, reclamam do modo como tratam as crianças, deixam clara sua indignação. O fenômeno “arrastão” é uma questão de ponto de vista. Enquanto os jornais e a TV chamam de “arrastão” os roubos praticados em grupos, quando a violência está com os “elementos”, com “os de fora da ordem”; no dicionário dos meninos de rua e, então dos mediadores, “arrastão” é muito mais ingerência da polícia: que desrespeita, prende, agride, impede a circulação pelas ruas, não raramente, sem um motivo claro.

Os meninos e meninas que vivem na rua podem também ser protagonistas de situações agressivas e incivis, cujas palavras que as indicam deveriam ser roubo, delinqüência, crime, segundo os preceitos morais. As descrições a seguir mostram esses comportamentos grosseiros, mas os termos utilizados para mencioná-los são aqueles ditados pelo código da rua, como se diminuir a gravidade dos atos praticados fosse uma questão semântica.

Daiana voltou e pediu para ficar no ônibus para se esconder do S.O.S. criança. Ela chegou com uma sacola de náilon que não tinha algumas horas atrás e eu perguntei onde ela a conseguiu e ela me contou, sem o menor constrangimento, que ela “pegou” — “Ah! tia, foi um arrastão!” e eu argumentei: Você pegou a sacola por estar precisando dela? — É, eu só pego o que eu preciso. A Marilisa duvidou e ela jurou que é verdade. Disse que na praça da Sé, onde ela dorme, roubaram sua bolsa com roupas e sapatos dentro.

Quando conversando com os mediadoras a respeito do incidente, e do registro que fizeram, percebemos que o relato refletia a forma que encontraram para lidar com situações de constrangimento, como a descrita, sem apelarem para moralismos inefetivos. Apesar dessa atitude, os mediadores deixavam sempre clara sua desaprovação ao terem que enfrentar incidentes como o relatado. Atendendo a indagação de um dos mediadores, aproveitamos a oportunidade para conversar sobre as idéias de A. Makarenko (1976). Obviamente, chamamos a atenção para as características muito especiais e diferenciadas que marcaram a coragem, a inteligência e abnegação do educador russo no trabalho a que se propôs enfrentar nas colônias penais para adolescentes.

Outras situações que revelavam as transgressões dos meninos/meninas são relatadas e, ao contrário da grande ansiedade inicial, são tratadas com relativa segurança e sensatez pelos mediadores, como no caso dos que cheiravam cola ou mencionavam o uso do *crack*.

Às 14 horas chegou Janaína, a Fabiana e a Irene. As três haviam cheirado cola e ainda tinha um saquinho plástico pequeno com um pouco de cola, no bolso. Pedi que jogassem fora o saquinho se quisessem entrar no ônibus. Elas conhecem nossas regras. Têm que jogar fora mesmo. Não dá para entrar e ficar saindo para cheirar cola. Elas entraram e Fabiana e Irene estavam sonolentas, ao contrário de Janaína que estava muito agitada, rindo e imitando as pessoas. Quando Marilisa começou a ler uma história para elas, ela (Janaína) se acalmou e as outras ficaram ouvindo.

O Rogério voltou para buscar a Ivete, mas ela já tinha ido embora. Depois ele se levantou e disse: “tia, acho que vou embora dormir. Tô na dúvida ainda. Não sei se vou dormir, traficar ou roubar. Ontem quase levei um tiro da polícia, mas consegui fugir”. E ele foi embora...

É também com realismo que duas mediadoras ponderam a respeito da situação em que Marta, uma leitora interessada e assídua no ônibus, “ensina-lhes” sobre o *crack*. Fala dos tamanhos e valores das pedras, das sensações que ocorrem depois de fumar, de como os meninos lutam e se perdem pela droga. “É a nóia, tia”... Aliás, Marta é um elo de ligação entre as mediadoras e o mundo dos meninos/meninas com os quais ela convive nas ruas. É Marta quem traz informações a respeito do que acontece no “mocó” (locais onde moram, debaixo de pontes, viadutos, prédios abandonados), sobre as prisões dos seus companheiros de rua, das mortes por *overdose*, ou em assaltos quando surpreendidos pela polícia. A menina é assídua freqüentadora do ônibus, identifica-se com a idéia e com o trabalho, com a leitura, e quer ajudar as mediadoras como pode.

Às 17 horas começamos a fechar as janelas do ônibus e a Marta com o Waldemir nos ajudaram. Eles sempre nos ajudam.

Marta estava dizendo que o menino que morreu na rua, no cruzamento da Av. Duque de Caxias com a Rio Branco, era irmão da Janaína (eu li no jornal que esse menino estava assaltando um carro e o motorista era um policial que atirou nele). Roseval disse: não é nada, tia, não é irmão da Janaína. É modo de dizer. Na rua todos nós somos irmãos.

A Marta disse que os meninos foram para a Santa Casa ver se conseguem saber de um menino que foi internado com *overdose*.

Marta contou sobre a briga que houve no "mocó" e porque a Márcia queria dar uma facada na outra menina.

Elas disseram como a polícia entrou no "mocó" e destruiu tudo. Eles tinham arrumado até uma televisão, mas a polícia acabou com tudo, só por acabar, e botar todo mundo para fora.

Marta foi hoje com mais duas colegas visitar um dos projetos que ela freqüentou e ganhou uns quebra-cabeças. Trouxe para deixar no ônibus para os meninos usarem.

## E A LEITURA?

Em meio a alguns momentos de crises, de desassossego, com os quais os mediadores vão aprendendo a lidar, revelam-se, às vezes, no ônibus, cenas de tanta calma e integração que lembram, ironicamente, uma cena doméstica, uma reunião familiar, todos juntos fazendo alguma coisa, como revela o relato a seguir.

Às 13 horas estavam no ônibus a Cristiane recortando figuras para fazer colagem; a Rita de Cássia fazendo um desenho (é a terceira vez que faz o mesmo desenho: uma paisagem com coqueiros, mar); o Argil que estava lendo o jornal; a Marilene com seu filho Lucas (um bebê); o Manuel que estava desenhando. Todos já tinham almoçado.

A mediadora parece tranqüila, ninguém com fome, ninguém cheirou cola, todos estão trabalhando e não apenas ocupados. É uma cena bonita, viva: **Os meninos e a palavra escrita**. No ônibus, eles lêem, ouvem histórias, buscam as notícias do jornal, desenharam, e por que não? fazem "atividades": tema enfatizado e sempre retomado em nossas discussões. Embora o desenho continue sendo uma das preferências da maioria, leitores começam a surgir e alguns acenam com o desejo de escrever. Querem mandar uma carta para uma amiga que está presa, fazem cartões de aniversário, desenharam corações que são suporte para palavras de amor e ensaiam escrever uma história com títulos emprestados: "Branca de neve e os dois anões", na versão de uma das leitoras.

Ao estudar a evolução da imaginação e da arte, Vigotsky (1987), refere-se ao desenho como o modo de expressão típica da criança pré-escolar, recurso que lhe permite, mais facilmente, expressar suas inquietações. Enfatiza, o autor, que a criança precisa "crescer", desenvolver-se, para alcançar a capacidade literária. Para tanto, faz-se necessário uma ampla experiência acumulada, grande domínio da palavra e desenvolvimento de seu mundo interior. Não apenas com referência ao desenho, mas também em relação à fala, a escrita infantil revela-se defasada. Assim, um escolar capaz de discorrer oralmente, com desenvoltura e segurança, a respeito de uma situação de seu interesse, tem a sua fluência e naturalidade limitadas quando na composição de um relato escrito. Para Vigotsky, um dos motivos dessa limitação está nas próprias

características do sistema que requer, já em seus momentos iniciais, um alto grau de abstração.

Além dos desafios propostos pela escrita, a preferência pelo desenho, nos meninos que freqüentavam o ônibus, revela o não-domínio do sistema escrito, uma vez que muitos deles são analfabetos, ou não têm muitas ocasiões, nem possibilidades de fazerem uso da escrita. Nesse caso, não seria o desenvolvimento ou a idade que estariam definindo a predileção por uma ou outra forma de expressão, mas as limitações e desinteresse por um instrumento que não faz parte de suas necessidades imediatas. Se de um lado a força da escrita possa parecer menor na vida precária de quem perambula pelas ruas, de outro, não poderia fazer parte de lembranças de uma escola que foi abandonada, lugar, muitas vezes, de frustração e de insegurança para os meninos e meninas? As falas abaixo dizem de escolas que freqüentaram:

Na escola só querem “pegar no pé”, querem que a gente aprende escrever logo.

Lembro que a escola era bagunçada, as paredes dos banheiros eram sujas e pichadas. Mas eu gostava mesmo assim. O difícil era aprender a escrever.

Na escola era só copiar da lousa, ficar escrevendo se fazia bagunça.

Na segunda série lembro da professora M. que era boa mas nunca deu prova. Ela dizia que no CBC não tinha prova. Ela passava lição na lousa e ficava conversando com outras professoras.

Da prof. Oséia (nome de homem, né tia?) dessa eu não esqueço. Ela deu livro eu levei pra casa e meu irmão rasgou. Ela sempre perguntava do livro e eu ficava enrolando ela. Eu tinha que pagar o livro e até hoje eu não paguei. Foi na 4ª série que eu comecei fugir de casa.

A escola era muito chata. Não podia fazer nada e tudo era advertência. As professoras eram muito estúpidas. Af eu peguei e deixei de ir para a escola.

A professora Elisa era morena, assim, nem baixinha, nem muito alta nem muito baixa. Era boa, tinha paciência e eu tenho saudades dela.

Se eu fosse uma professora eu ia querer que tivesse respeito entre os alunos e professores e que os alunos conservassem a escola limpa. E que tivesse hora para entrar e para sair e também que os alunos como as professoras tivessem hora para descansar.

Como é que eu posso voltar pra escola se eu não tenho onde morar?

Chamam a atenção os comentários que dizem respeito à limpeza e à organização da escola. As lembranças das professoras podem ser alegres, motivo de saudades, ou revestidas de amarguras, muitos dos meninos/meninos recusando-se a falar sobre elas. A merenda, os amigos e as brincadeiras são evocadas com risos e comentários entre eles. De modo geral, dizem que gostariam de poder estudar e que só quem sabe ler e escrever pode arrumar um emprego. Essa menção à leitura, ao emprego, aparece sempre atrelada à fala indicando que gostariam de sair da rua.

Tô cansado dessa vida.

Tio, arruma um trabalho pra mim? Se eu arrumasse um lugar onde eu pudesse sair e entrar a hora que eu quisesse eu saía da rua. Moro na rua porque não gosto que ninguém manda em mim.

Eu queria muito aprender ler e escrever e arrumar um emprego.

Alguns fatos relacionados à leitura e ao livro no ônibus são de importância. Vale a pena acompanhar os relatos que dizem respeito à leitura de Marta e Waldemir, um casal de namorados, segundo os mediadores, sempre presentes e solícitos no ônibus, como já referido anteriormente: “O Waldemir pediu para continuarmos a leitura do livro X. A Marta começou a leitura e paramos às 17h10, na página 123. Depois fomos ouvir Marta ler o livro Y.

Marta não apenas lê para ela como lê em voz alta para as mediadoras e para outras crianças. É uma leitora. Escreve também cartas, histórias. Acompanhando de perto a leitura de Marta e Waldemir, a mediadora vai contando o interesse especial que a menina tem pelo livro e mal acaba de ler um já busca outro. Não apenas comenta, mas dá sua opinião, pede para responder a ficha de leitura, prática utilizada com frequência por professores na escola, e que, muitas vezes, mais aprisiona que enriquece o diálogo do leitor com o texto. No caso de Marta o seu pedido pode significar a avidez de saber mais sobre o texto lido.

Que outras possibilidades, que conversas sobre os livros lidos foram animadas pelos mediadores, era sempre um dos temas de nossas reuniões. E a leitura passa a ocupar lugar de importância no ônibus, os mediadores atentos às cenas de leitura:

O Beto estava superagitado, ele escolheu um livro para que eu lesse: o *Chapeuzinho Vermelho*. Ele adora, já li várias vezes a mesma história. Hoje ele interrompeu a leitura para me contar sobre o irmão dele, Rodrigo, que desaparecera e fora encontrado. Acha que foi um milagre.

A Rita pediu para ler o livro “X”, enquanto ela pintava um desenho que copiou do livro.

Enquanto eu contava a história *Chapeuzinho Vermelho* ela me interrompeu para fazer observações. Quando acabei vieram pedir para contar outra história. Perguntei se elas tinham preferência e a Janaína me pediu para contar a história da Rapunzel. **E ela deitou a cabeça no meu colo.**

A Márcia terminou de escrever a carta para as colegas que estão na Febem. A Elaine leu para Janaína a história da *Mãe Nevada* que, segundo ela é muito legal. Ela disse: “quero ouvir essa história muitas vezes ainda. Enquanto eu viver...” Observamos que ela pede para ler somente o livro *Mãe Nevada, Bela Adormecida e Casa da Floresta*.

Às 16 horas chegaram Tiago (quinze anos), Susi (doze) e Andréia de dezoito anos. A Andréia pegou o livro da *Bela Adormecida* e leu para o Tiago.

De modo geral, mais do que ler, os meninos/meninas que buscam o ônibus, querem que leiam para eles e, como qualquer outra criança, o conto de fadas faz parte de seu interesse, até em uma idade mais avançada que a de crianças protegidas pela família. Aquecida com o calor da atenção dos mediadores e com a voz de seus colegas, a leitura parece transportar os ouvintes para mundos de sonhos e milagres como no caso de um irmão sumido cujo reaparecimento é lembrado no meio de um conto de fadas. Será que a força

de ouvir uma vez e ouvir de novo, de ouvir sempre, poderia transformar o sonho em realidade? A narrativa e seus mistérios...

## E O JORNAL FAZ PARTE DO DIA-A-DIA DO ÔNIBUS

A introdução do jornal no ônibus fez avançar o processo de leitura e interação mediadores/meninos e meninos/meninos. A partir do jornal instauraram-se discussões, perguntas foram feitas, surgiu o desejo de maiores informações. Descartável e rápido como a vida nas ruas, o jornal fala da cidade, dos acontecimentos de cada dia. É como se tirasse seus relatos de dentro da casa, do espaço onde vivem os meninos. É a vida deles que está no jornal. A página criminal, de esporte e o horóscopo é o que mais tem sucesso entre os leitores do ônibus. Entretanto, quando, a pedido de um dos meninos, a mediadora passou-lhe o jornal depois de retirar o caderno que focaliza as artes de modo geral — achou que essa página não interessaria ao menino — ouviu dele o seguinte comentário: “Ei tia, a gente também gosta de cinema e de se divertir, por que você tirou a folha? Porque você pensa que a gente rouba? É também para ir ao cinema, pra jogar os jogos eletrônicos”.

Quando relatado em nossa reunião, esse fato ocasionou uma longa discussão sobre a decisão que toma, muitas vezes, o adulto, a respeito do que as crianças devem ler e sobre as expectativas que se tem dessa leitura, principalmente, na escola. Em nome do moralismo e de proteção à criança decide-se sobre o que é um bom livro; o que convém ou não ser lido; livros são retirados de circulação porque não vão interessar a crianças dessa ou daquela idade. Sob o argumento de que o livro tem uma linguagem difícil, aborda temas que não deveriam fazer parte do mundo infantil, recusa-se à criança o bonito gesto de retirar, ela mesma, o livro da prateleira, negando-lhe sempre a escolha do livro que gostaria de ler, como propõe, por exemplo, Cecília Meireles (1979) e tantos outros estudiosos da literatura infantil.

Sem preocupações ou tentativas de dirigir a leitura para um tema específico ou para determinada sessão do jornal, os mediadores passaram a explorar intensamente os diferentes periódicos com os leitores do ônibus:

A Cristiane leu uma reportagem sobre a AIDS. Fez várias perguntas sobre como se pega AIDS. Ela disse o seguinte: “A pessoa que tá com a doença e transa com uma mina, ou com um cara mesmo assim para passar a doença é um criminoso, não acha tia?”

A Elaine pegou o jornal e o Waldemir, Ramon, Samuel e Marta se sentaram perto dela para ouvir a leitura. Neste jornal tem uma reportagem sobre meninos de rua e algumas opiniões sobre dar esmolas a eles. Eles se interessaram e discutiram longamente o assunto, dando sua opinião.

Depois que a Marta relatou o que aconteceu com eles no SOS, levantou, pegou a *Folha da Tarde* e leu uma manchete sobre um policial que foi condenado a 22 anos de prisão, por roubo. Ela então perguntou: “Uma pessoa da polícia vai presa também, tia? E depois que ele é solto continua a trabalhar na polícia, normal? Ele não vai ficar preso todo

esse tempo, não". A partir daí ela se interessou por todas as manchetes policiais e as leu em voz alta. Fizemos juntos vários comentários sobre o que lemos.

Poderíamos continuar falando das muitas cenas de leitura que aconteceram no ônibus, onde meninas habituadas a cheirar cola gostam de ouvir, quantas vezes for possível, a história da *Mãe Nevada* e moças quase adultas lêem, para rapazes adolescentes, a *Bela Adormecida*. Com interesse, não apenas os contos de fadas, mas outros livros e o jornal são lidos, comentados e partilhados entres os leitores do ônibus. São essas cenas que parecem ir dando confiança aos mediadores nas possibilidades da leitura e da escrita e reafirmando sua competência no papel que vêm desempenhando. E houve um determinado período em que o número de meninos/meninas que buscavam o ônibus chegou a 59, conforme anotação dos mediadores.

## MEDIADORES OU NARRADORES?

Naturalmente, métodos pedagógicos tradicionais não poderiam dar certo com essas hordas de crianças... Aliás, para avançar até elas, para ser ouvido, é preciso ligar-se às senhas da própria rua, da vida totalmente coletiva, o mais próximo e o mais claramente possível. Na organização de bandos de tais crianças, a política não é tendência, mas objeto de ocupação tão óbvio, material didático tão evidente como grande magazine ou casa de bonecas para a criança burguesa... (Benjamin, 1986. p.161)

Não são nas atividades que imitam o modelo escolar, mas no trabalho partilhado e sem constrangimentos, com a leitura/escrita, que vão se estabelecendo os vínculos entre os mediadores e os meninos/meninas de rua. Aí, o jornal ocupa lugar destacado para o debate e posicionamento dos leitores. A leitura pode, no mínimo, ser considerada como mediação importante para se atingir a confiança e interesse dos meninos. O que se observa ao longo da interação mediadores/crianças de rua, é que os medos vão se dissipando e a compreensão se expandindo, à medida que os mediadores vão se ligando à senha da própria rua, vão entrando, para compreender, no mundo dos meninos e meninas com os quais estão convivendo.

Esse ligar-se à senha e entrar no mundo dos que vivem na rua, aprofunda-se quando os meninos/meninas são percebidos como narradores que têm também uma história para contar. Uma história diferente, é claro, mas verdadeira com as que são escritas com *H maiúsculo*. Uma história tirada da vida, do sofrimento, da rebeldia e da transgressão, mas também sustentada pela fantasia, pela imaginação e pelo desejo. No embate com esse mundo, os mediadores vão se descontraindo, mudando suas relações com os leitores, amadurecendo como mediadores de leitura.

Essa transformação vai se observando tanto em suas falas, quanto em seus relatos escritos. A partir de certo momento, os nomes dos meninos substituem as siglas que os indicavam inicialmente. Janafna, Marta, Izanan, Roseval,

Cristiane, Rodrigo, Ivete, Waldemir passam a ser chamados pelo seu nome (ou o que eles disseram que o é) e deixam de ser apenas MR, como anteriormente. A descrição pura e simples do que havia sido feito no ônibus, enfocando, principalmente, as atividades desenvolvidas pelos mediadores, como uma prestação de contas, passa a ser complementada com a fala dos meninos/meninas que agora ganham vida, têm um nome, um rosto, uma história: são ouvidos e passam a ter o que falar, ocupando um espaço que lhes é negado em quase todos os momentos de sua vida.

Os meninos deixam de ser vistos simplesmente como preguiçosos, apressados. Deixam de ser as sereias que seduzem e matam com seu canto na tentativa de envolver os mediadores com suas tristes histórias, que já vêm prontas para comover o ouvinte ou para se “vingar” dos projetos que deles se utilizam como podem. Segundo os comentários dos mediadores “são viciados em projetos” e sabem como livrar-se deles, brincando de serem dóceis e necessitados.

Os meninos e meninas de rua são muito sabidos, mas são crianças. E, marcados por uma experiência brutalizante, ocupam o lugar do “menor inimputável” com esperteza e sem-cerimônia. Marcados pelo abandono potencializam em grau absurdo o desconcerto que a criança pode apresentar para aqueles que se ocupam dela... (Feres, Maia, 1996)

Apesar das dificuldades iniciais, com o tempo, os meninos/meninas tornam-se mais confiantes e sua atitude também vai se modificando em relação aos mediadores e no entendimento das funções do trabalho que desenvolvem. A pergunta que era feita pelos que chegaram primeiro no ônibus: “Tia, quer que eu conte a minha história, isso aqui não é um projeto?” não aparece mais. Mesmo aqueles que vêm ao ônibus pela primeira vez, parece que já o conhece, já ouviu falar do que se trata e não tentam adquirir privilégios ou enganar, buscando a piedade ou apelando para a pretensa invulnerabilidade que lhes atribui a lei.

São muitas as situações comentadas que revelam os meninos como alguém que também ensinam o “saber” que vão aprendendo pelas ruas da vida. Nesse sentido, pode ser que a história do livro seja menos ágil e tenha menos aventuras que a dos meninos de rua, mas o contexto em que ela é contada, estreita o vínculo, abre novos mundos para os mediadores e seus ouvintes, como registram os diários.

**E ela deitou a cabeça no meu colo** [para ouvir a *Mãe Nevada*].

Importante é a proximidade que a gente consegue com eles. Eu moro no centro, mas eu não enxergava mais. Você pára de enxergar. Gostei de entender quando eles contam de suas infrações. O que mais me chocou foi o caso do Willian, quando a mãe veio e largou ele na praça. Sete anos só. Ele chorou que doía e a gente olhava sem poder fazer nada. Nem as autoridades... E se a mãe voltasse? Mas ela não voltou. Até hoje eu escuto o choro dele e sua tristeza de menino abandonado...

Com a experiência vivida, escrita, discutida e analisada, os mediadores começam a entender o seu papel de narradores, que contam e recontam histórias. Narradores que começam a descobrir e tomar as cenas da cidade como matéria de seu texto escrito. Qual narradores modernos escrevem a crônica do cotidiano, emprestam seus ouvidos e suas mãos a outros narradores, os meninos/meninas das ruas de São Paulo, para a escrita de sua narrativa.

Seriam os meninos/meninas, que tiram de suas viagens pela cidade a matéria de seu relato, narradores quase próximos daqueles tradicionais, dos quais Walter Benjamin (1985) lamenta a extinção? Como será realmente o seu tempo, até onde vão suas viagens, a quem servirão os seus conselhos, tirados da experiência marginal, vivida nas ruas? E por aí continuamos as nossas indagações: utopia, desejos estéreis, crença em milagres de leitura como o entendia Beto, o menino que interrompe a leitura da história para revelar o milagre do reencontro com o irmão desaparecido? Será que em algum momento o nosso ônibus azul e amarelo, parado na praça, poderia ter sido chamado de “metaphorai” como o entende Certeau (1994)?

Mais do que respostas, temos perguntas e a imagem de muitas cenas e palavras que continuamos a ver e a escutar, indagando-nos sempre sobre a responsabilidade de uma sociedade que trata como “resto”, crianças que ela mesma marginalizou. No entanto, temos certeza de que sem o trabalho e a coragem dos mediadores de leitura que, acompanharam com Maria Lúcia Zoega de Souza e comigo os encontros com o texto escrito, com os olhos sempre voltados para os meninos/meninas que vivem nas ruas de São Paulo, os caminhos de nossos relatos teriam sido outros.

Sabemos, ainda que em um ambiente interativo, criado especificamente para os meninos/meninas das ruas de São Paulo, que a leitura e a escrita criaram vínculos, despertaram falas e discussões. Fizeram-nos vislumbrar os labirintos da cidade, fechando ou abrindo passagens, ainda que escuras e vacilantes, no caminho da cidadania.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, S. A experiência precoce da punição. In: MARTINS, J. S. (org.). *Massacre dos inocentes*. São Paulo: Hucitec, 1993. p.181-208.
- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BENJAMIN, W. *Magia e técnica arte e política: obras escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Moscow diary*. Cambridge: MIT Press, 1986.

- CALVINO, I. *As Cidades invisíveis*. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.
- CERTEAU, M. *A Invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- DIETZSCH, M.J.M. Ler a cidade e escrever a cidadania. *Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro, n.120, p.43-56, jan-mar. 1995.
- FERES, N.R., MAIA, M.E.A. *Relatório da supervisão analítica ao "Projeto Miguilim"*. Secretaria do Desenvolvimento Social da Prefeitura de Belo Horizonte, 1993-1996. (mimeo.)
- LEONTIEV, A.N. *Actividad, conciencia y personalidad*. Buenos Aires: C. del Hombre, 1978.
- MAKARENKO, A. *Poema Pedagógico*. Lisboa: Horizonte, 1976.
- MANGUEL, A. *Uma história da leitura*. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.
- MEIRELES, C. *Problemas de literatura infantil*. São Paulo: Summus, 1979.
- SOUZA, M.L.Z. *Aventura e desventura de heróis menores*. 1994. Tese (dout.)  
 FFCL-USP
- VIGOTSKY, L. S. *La Imaginación y el arte en la infancia*. Mexico: Hispanicas, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Thought and language*. Cambridge: MIT Press, 1962.

## ANEXO I

**A seguir o texto de Elaine, uma das mediadoras que muito se empenhou no projeto, fala do ônibus: nossa metáfora de leitura**

### **Mediação de leitura: uma experiência**

Elaine A. de Souza

Hoje lembrando do meu trabalho no ônibus, penso o quanto de aprendizado e evolução eu obtive. Quando comecei, eu não sabia, não fazia idéia de como me aproximar dos meninos — será que seria aceita, que falaria comigo; iriam me ouvir? Eu conseguiria me aproximar da miséria de seus corpos sujos? Eu conseguiria conviver com eles sem sentir pena? Sem começar a pensar que eu era uma grande benemérita?

Eu tinha todas essas grandes dúvidas. Descobri na primeira reunião de equipe que essas dúvidas também eram partilhadas por meus pares. Mesmo assim, resolvemos enfrentar nossas ansiedades e começar o trabalho. E para nossa surpresa, fomos bem aceitos. É claro que houve um processo de conquista,

de criação de vínculo, que assim que foi estabelecido, respondeu muitas de minhas questões.

Foi surpreendente e ainda é, saber que essas crianças realmente querem e buscam uma vida melhor; se caem nas drogas ou roubos, é devido à dureza da vida nas ruas, na luta pela sobrevivência. É claro que também conheci meninos que se achavam a encarnação do mal, da solidão, do ódio, que faziam pequenos furtos, ou até mesmo assaltos, negócios rentáveis e que dificilmente, a meu ver, terão “recuperação”.

Claro, eu não esperava que todos fossem “anjos caídos”, mas mesmo esses meninos que sempre encaravam o mundo com olhos escuros e frios, certamente não receberam muito apoio em suas vidas. Muitos deles vieram de lares desfeitos. Pude perceber, nesse período, o outro lado da moeda; que atrás do cano de uma arma está sempre uma pessoa angustiada, oprimida e que, infelizmente, não há muitas perspectivas. Sei que, para esses, a nossa convivência não ajudou muito. Pelo menos, tentamos ser ouvintes atentos no momento em que falavam de sua própria existência, que é maior do que as esquinas em que eles vivem.

Fomos para a praça, fomos até eles, dificilmente deixariam de notar **um ônibus azul e amarelo** estacionado ali todos os dias. Fizemos panfletos e andamos pelas ruas para distribuí-los e conversar com as crianças. Uns nos olhavam assustados, porque foram acordados ou porque nos aproximávamos das “rodas de *crack*” no meio da praça para falar sobre o projeto “Lendo na Praça”. Aos poucos foram chegando e se inteirando da rotina no ônibus.

Descobri durante esse tempo que há muitas pessoas que alimentam os moradores de rua, havendo várias instituições que fazem esse trabalho. Há restaurantes que servem café da manhã e, por volta das 16 horas, jantar. Ríamos ao ouvir os meninos discutindo se eles comeriam comida japonesa, ou churrasco.

Havia um outro ônibus que estacionava ao lado do nosso e servia refeições. Era o local preferido para o almoço deles. Concluindo: um morador de rua pode fazer até quatro refeições por dia, desde que conheça os locais de distribuição e ande atrás — o que acontece rápido — porque os veteranos ajudam os novatos, dizendo onde se pode comer e também tomar banho ou lavar roupas. Logo eles aprendem a se virar, entram para uma turma na qual se sentem amparados e protegidos, arrumam um “mocó”, e vão vivendo.

Durante as tardes que passei no ônibus, pude ouvir várias frases que me contavam um pouco sobre o universo desses meninos: seus medos, sua raiva, sua esperança de uma vida melhor no futuro. O que me surpreendia muitas vezes era o bom humor, a capacidade que alguns deles tinham de demonstrar alegria nos olhos, riso solto, fala mansa. Adoravam dançar, namorar, ir a

*shows*, cinema, liam programação de eventos culturais no jornal para escolher os *shows* eles poderiam ir, a maioria em parques.

A maior parte do dinheiro que pedem é para cinema ou drogas (*crack*, álcool ou cola). Raramente, o dinheiro é usado para a compra do sanduíche — como dizem; o cigarro que pedem é para acender o cachimbo de *crack*. Muitos reconhecem os danos que as drogas causam mas não conseguem se afastar. Para eles a droga dá “superpoderes”, precisam dela para continuar nas ruas. Uma das garotas me disse: “Aí tia, não consigo me concentrar, não quero ler. A droga tá comendo o meu cérebro!”

Um dos meninos, R., 16 anos, estava sempre com um blusão — ainda que com o sol a pino — e com um rádio. Uma tarde estava jogando dominó comigo em uma das mesas, quando do lado de fora parou um “camburão” e, logo em seguida, a cavalaria. Ele olhou pela janela e disse que iria embora, porque se fosse pego nunca mais sairia da cadeia e nos contou que devia ter mais ou menos cem pedras de *crack* dentro do “rádio”. E no blusão. Eu sabia que o blusão poderia ser um esconderijo de drogas. Mas o rádio? Isso nunca me ocorrera. Eu, ingenuamente, pensava que ele gostava de música.

Outro aspecto que me chamou atenção foi o senso de proteção, que, nesses meninos é muito forte. B., 9 anos, uma menina, sempre se aproximou dos meninos mais velhos de quinze ou dezesseis anos, em busca de alguém que cuidasse dela. Achava que andando com garotos mais velhos ia estar mais segura. Infelizmente, é assim que algumas delas começam a se prostituir. Também, por segurança, esses meninos têm um jeito de olhar mais amplo, vasculham a região onde estão, olham metros à frente, em todas as direções; aprendi a aumentar o meu ângulo de visão com eles, um deles me disse: “Tia, você tem de aprender a olhar direito”.

Eu mudei o meu olhar, a minha forma de sentir esses garotos. Hoje, não vejo apenas o “trombadinha” miserável e violento que enfeia a paisagem e nos dá medo. Vejo crianças abandonadas, jogadas à própria sorte, violentamente usurpadas do maior direito que possuíam: **ser criança**.